

BASSANI, Indaiá de Santana; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

# REVISITANDO A FLEXÃO VERBAL DO PORTUGUÊS À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: UM ESTUDO DO PRESENTE, PRETÉRITO IMPERFEITO E PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Indaiá de Santana Bassani<sup>1</sup>

Marcus Vinicius Lunguinho<sup>2</sup>

bassani@usp.br

marcusvsl@usp.br

**RESUMO:** O presente trabalho revisita as análises clássicas (Camara Jr, 1970; Pontes, 1972) de algumas formas do paradigma flexional verbal português à luz da teoria da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; Embick & Noyer, 2006). Neste artigo, nos detemos na análise de três tempos verbais do modo indicativo: presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito. Segundo nossa análise, o que comumente denominamos de flexão verbal é a combinação de núcleos sintáticos na derivação, obedecendo a restrições de localidade. A investigação revelou que os traços morfossintáticos que compõem os nós terminais formadores da flexão são traços de [classe], [tempo], [pessoa] e [número], que se distribuem por três núcleos funcionais *v*, T e AGR e que podem sofrer alterações em sua combinação por meio de operações do componente morfológico. As operações que afetam esses traços são a  *fusão*  e o  *empobrecimento* . A fusão opera de forma local e pode combinar os núcleos [*v* + T + AGR]; [*v* + T] e [T + AGR], mas nunca [*v* + AGR]. Já o empobrecimento afeta o traço [pessoa] e atua nas formas do tempo pretérito imperfeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia Distribuída; Flexão Verbal; Fusão; Empobrecimento.

## INTRODUÇÃO

Desde os trabalhos clássicos de Camara Jr (1970) e Pontes (1972), a flexão verbal portuguesa tem sido tratada de forma relativamente pacífica nas análises morfológicas e sintáticas em que é levada em conta, bem como no ensino dos paradigmas verbais. Tais

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL/FFLCH-USP). Bolsista do CNPq (processo número 142898/2009-0)

<sup>2</sup>Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL/FFLCH-USP). Bolsista da FAPESP (processo número 07/58451-7 – BP.DR2)

trabalhos trazem resultados empíricos extremamente importantes e análises baseadas em uma teoria morfológica estruturalista que pode ser descrita como modelo Item e Arranjo (Matthews, 1991). No entanto, considerando a inegável importância da sintaxe para a morfologia flexional, propomo-nos a revisitar a análise do paradigma flexional do verbo português da perspectiva de uma teoria sintática de formação de palavras: a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, Embick & Noyer, 2006). Com isso, pretendemos apresentar um outro olhar para a análise da morfologia verbal, enfatizando os ganhos, especialmente teóricos, em relação à análise tradicional vigente.

Motivação crucial para este trabalho é o fato de já existir um número considerável de estudos que se dedicam a descrever ou analisar aspectos morfológicos do português brasileiro no quadro teórico da Morfologia Distribuída, dentre os quais podemos destacar: Alcântara (2003; 2010), que trata das classes nominais; Pereira (2006), que analisa os clíticos e o quadro pronominal; Scher (2004, 2006), que investiga as estruturas com verbos leves e as formações em *-ada* e Bassani (2009), que estuda os verbos denominais. Entretanto, ainda são escassos os trabalhos que se voltam a investigar a morfologia flexional verbal do português brasileiro nessa perspectiva, com exceção de Medeiros (2004, 2008), que aborda os participípios.

Nosso estudo toma como base o português brasileiro coloquial. Por essa razão, o sistema verbal a ser investigado contém seis pronomes e quatro formas flexionais. Por questões de espaço, neste artigo, nos deteremos na análise de três tempos verbos do modo indicativo: presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, exemplificados na Tabela 1 abaixo (o termo *classe* se refere às tradicionais conjugações verbais):

PRONOMES	Classe I	PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
Eu		canto	cantava	cantei
Você		canta	cantava	cantou
Ele		canta	cantava	cantou
Nós		cantamos	cantávamos	cantamos
Vocês		cantam	cantavam	cantaram
Eles		cantam	cantavam	cantaram
PRONOMES	Classe II	PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
Eu		bebo	bebia	bebi
Você		bebe	bebia	bebeu
Ele		bebe	bebia	bebeu
Nós		bebemos	bebíamos	bebemos
Vocês		bebem	bebiam	beberam
Eles		bebem	bebiam	beberam
PRONOMES	Classe III	PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
Eu		durmo	dormia	dormi
Você		dorme	dormia	dormiu
Ele		dorme	dormia	dormiu
Nós		dormimos	dormíamos	dormimos
Vocês		dormem	dormiam	dormiram
Eles		dormem	dormiam	dormiram

**Tabela 1:** Delimitação do estudo

As questões de pesquisa que norteiam o trabalho são:

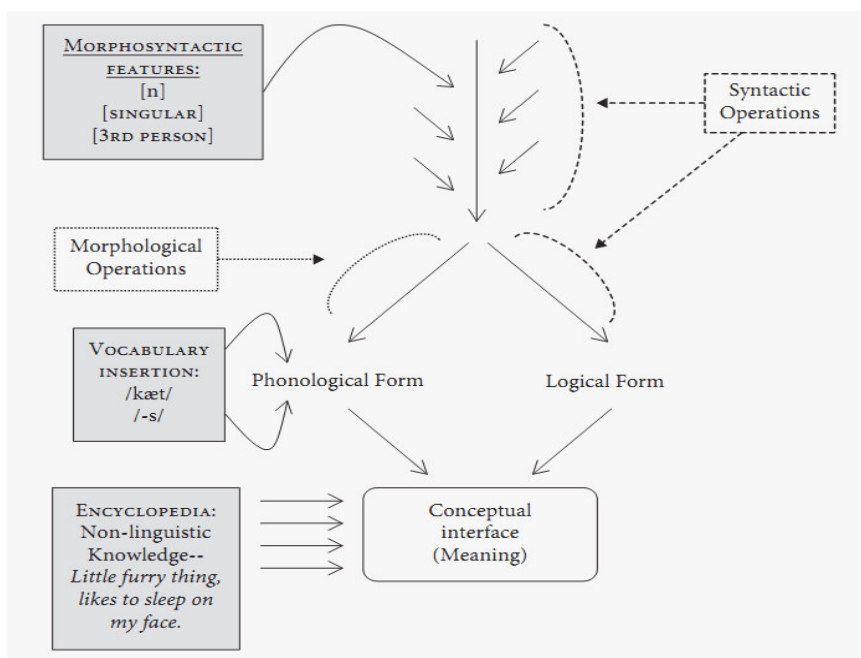
- i. Que traços morfossintáticos compõem os nós terminais formadores da flexão verbal e como eles são organizados?
- ii. Esses traços sofrem os efeitos de alguma operação morfológica no indicativo do português? Se sim, qual (quais)?
- iii. Quais são os Itens de Vocabulário que constituem o paradigma do indicativo do português nas três classes de conjugação e nos tempos verbais aqui estudados?

Na próxima seção, apresentaremos o modelo teórico que serve de base para a nossa análise, destacando os pontos relevantes para a nossa proposta.

## **1. UM MODELO DE GRAMÁTICA: A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

O modelo teórico que é conhecido pelo nome de Morfologia Distribuída foi formalmente introduzido em Halle & Marantz (1993) e se configura como um modelo de ReVEL, edição especial n. 5, 2011

gramática que compartilha com a Teoria de Princípios e Parâmetros uma série de ideias sobre a organização da gramática, no entanto, apresenta um conjunto de propriedades particulares que o diferenciam dessa teoria. O objetivo desse distanciamento é a busca de um tratamento teórico que seja mais satisfatório para a formação de palavras. Dois são os pontos que diferenciam a Morfologia Distribuída de outras propostas teóricas: a) uma revisão da arquitetura da Gramática Universal e b) uma redefinição dos primitivos sintáticos. A Figura 1, extraída de Siddiqui (2009:14), apresenta a arquitetura de gramática adotada na Morfologia Distribuída:



**Figura 1:** Arquitetura da gramática na Morfologia Distribuída

### 1.1 O COMPONENTE COMPUTACIONAL

A Morfologia Distribuída propõe que qualquer processo de formação, seja de palavras, seja de constituintes maiores, ocorre no Sistema Computacional (componente sintático). Conseqüentemente, as mesmas operações que formam as sentenças estão na base da formação das palavras: concatenar (*merge*) e mover (*move*). Essas operações vão manipular *traços*, que são os elementos básicos da computação e a partir dos quais vão ser geradas tanto as palavras como as sentenças.

Da ideia de que a sintaxe é o único componente gerativo da gramática, decorre a característica essencial do modelo: a eliminação do Léxico como um componente formador

de palavras, diferentemente de outras teorias morfológicas, que encaram o Léxico como o lugar onde as palavras são armazenadas ou onde processos derivacionais ocorrem para formar palavras, o *input* para a sintaxe (Aronoff, 1976; Kiparsky, 1982). Para a Morfologia Distribuída, não existem componentes linguísticos dedicados apenas a formações derivacionais ou flexionais; nessa perspectiva, toda e qualquer formação de palavras é sintática, tendo em vista que é fruto de operações combinatórias que se dão no Componente Computacional<sup>3</sup>. Essa propriedade do modelo é conhecida como *syntactic structure all the way down* (Harley & Noyer, 1999), comumente traduzida como ‘estrutura sintática por toda a derivação’.

Com a eliminação do Léxico, é preciso assumir outros modos de armazenamento de informações, ou seja, de alocação dos primitivos linguísticos. Segundo Hale & Marantz (1993), a morfologia não precisa estar concentrada em um só lugar e, assim, adquirir um caráter imutável (como se dá nos modelos em que o Léxico é esse local privilegiado), mas pode estar “distribuída” entre os outros componentes da gramática. Segundo Harley & Noyer (1999: 3):

The jobs assigned to the Lexicon component in earlier theories are distributed through various other components. For linguists committed to the Lexicalist Hypothesis, this aspect of DM<sup>4</sup> may be the most difficult to understand or to accept, but it is nevertheless a central tenet of the theory. Because there is no Lexicon in DM, the term **lexical item** has no significance in the theory, nor can anything be said to ‘happen in the Lexicon’, nor can anything be said to be ‘lexical’ or ‘lexicalized’.

Por negar a existência de um Léxico, a Morfologia Distribuída se caracteriza como uma teoria não-lexicalista.

## 1.2 OS TRAÇOS: PRIMITIVOS SINTÁTICOS

Neste modelo, o morfema não é uma entidade privilegiada como *input* para a formação de expressões linguísticas. Tampouco a palavra o é. Além de ser não-lexicalista, a Morfologia Distribuída se situa no conjunto das teorias denominadas de separacionistas. O separacionismo caracteriza teorias morfológicas em que os mecanismos para produzir as formas das expressões sintática e semanticamente complexas são separados dos mecanismos

---

<sup>3</sup> Para uma sugestão de como dar conta das diferenças entre derivação e flexão, ver Marantz (2001).

<sup>4</sup> ‘Morfologia Distribuída’, do inglês *Distributed Morphology*.

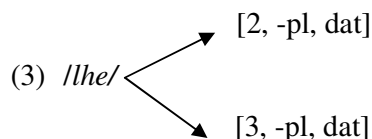
que produzem as formas das expressões fonológicas correspondentes, em outras palavras, nesse tipo de teoria nega-se haver uma ligação (inerente, prévia e armazenada) entre fonologia e conteúdo (gramatical ou semântico)<sup>5</sup>.

Os primitivos com os quais a sintaxe irá operar são raízes<sup>6</sup> e conjuntos de traços abstratos (gramaticais e semânticos), desprovidos de conteúdo fonológico. Esses primitivos são armazenados em um local denominado de *Lista 1* (que corresponde ao quadro *Morphosyntactic Features*, na Figura 1 acima). Tal sugestão de separação entre fonologia e traços gramaticais e/ou semânticos encontra motivação nas alomorfas e sincretismos. Tomemos como exemplo o clítico *lhe*, que no português brasileiro atual, é sincrético em relação ao traço de pessoa<sup>7</sup>. Esse sincretismo é visto nos exemplos abaixo, em que *lhe* pode ser usado para denotar a segunda pessoa do singular ou a terceira pessoa do singular<sup>8</sup>:

(1) Não se preocupe, Maria! O Paulo vai receber a sua carta. Eu mesmo pedi para o Pedro *lhe* entregar. (*lhe* = Paulo)

(2) Oi Maria! Trouxe este texto para *lhe* entregar. (*lhe* = Maria, a interlocutora)

Neste caso, à mesma forma fonológica correspondem dois conjuntos distintos de traços:



Outro caso comum é a alomorfia, que pode ser definida como situações em que formas fonológicas distintas correspondem a conjuntos de traços idênticos. Um simples

<sup>5</sup> Existe uma corrente lexicalista que também é separacionista e que é representada pelo trabalho de Beard (1995).

<sup>6</sup> Existe uma grande discussão se as raízes seriam providas ou não de material fonológico. Ver Harley & Noyer (1999) e Embick (2007) acerca do estatuto das raízes na Morfologia Distribuída.

<sup>7</sup> Tais exemplos são apenas uma ilustração didática, usados para fins de explicitação do modelo. Para uma análise dos clíticos do português brasileiro na perspectiva da Morfologia Distribuída, remetemos o leitor a Pereira (2006).

<sup>8</sup> Para uma descrição completa do sincretismo do clítico *lhe*, devemos ainda considerar que ele também é sincrético no que diz respeito ao traço de [Caso], sendo compatível com contextos de atribuição de caso dativo (ia) e de caso acusativo (ib), conforme se ilustra a seguir:

(i) a Eu já *lhe* contei essa história várias vezes. (*lhe* = clítico dativo)  
b. Ontem eu *lhe* vi passeando na rua. (*lhe* = clítico acusativo)

exemplo provém do inglês, em que o traço [passado] pode ser realizado de três modos, a depender da raiz com a qual esse traço se concatena.

(4) Alomorfa do traço [passado] do inglês

$\sqrt{\text{leave}}, \sqrt{\text{bend}} + [\text{passado}] = \text{lef}[\text{t}], \text{ben}[\text{t}]$

$\sqrt{\text{decide}}, \sqrt{\text{cry}} + [\text{passado}] = \text{decide}[\text{d}]; \text{crie}[\text{d}]$

$\sqrt{\text{hit}}, \sqrt{\text{sing}} + [\text{passado}] = \text{hit}[\emptyset], \text{sang}[\emptyset]$

Como vemos nos exemplos acima, o traço [passado] do inglês pode ter [t], [d] e [∅] como suas realizações. Como o que é levado em consideração para a escolha da correta realização desse traço são as propriedades da raiz abstrata com a qual [passado] se combina, trata-se, portanto, de uma alomorfa gramaticalmente condicionada.

Um outro tipo de alomorfa é ilustrado com os dados do coreano em (5). Nessa língua, o traço de caso nominativo pode ser expresso de dois modos, a depender do contexto fonológico em que é inserido.

(5) Alomorfa do traço [nominativo] do coreano (Embick, 2010:7)

ALOMORFE	AMBIENTE	EXEMPLO	
/-i/	/C_____	pap-i	‘arroz cozido’
/-ka/	/V_____	ai-ka	‘criança’

Esse exemplo ilustra um caso de alomorfa fonologicamente condicionada, uma vez que duas formas fonológicas distintas, não passíveis de uma análise por meio de transformações fonológicas, correspondem a um mesmo traço, a saber, [nominativo].

Como dissemos acima, na perspectiva da Morfologia Distribuída, a sintaxe opera com conjuntos de traços abstratos, que podem ser traços gramaticais e/ou semânticos, tais como, [singular], [plural], [dual], [paucal], [1], [2], [3], [passado], [presente], [futuro], [perfectivo], [imperfectivo], [nominativo], [acusativo], [dativo], [causa], [reflexivo], [determinante], [ativa], [passiva], entre muitos outros<sup>9</sup>.

Da aplicação das operações sintáticas a esses traços vão se formar conjuntos, os morfemas abstratos, que vão receber conteúdo fonológico apenas no componente pós-

<sup>9</sup> Uma outra maneira de apresentar os traços é usar o sistema de oposições binárias. Nesse caso, existe um único traço, com diferentes valores (geralmente expressos como + ou -). Dessa maneira, o traço singular pode ser representado como [+singular] ou [-plural], ao passo que o traço de plural seria representado como [-singular] ou [+plural].

sintático. Essa propriedade é conhecida como *Late Insertion* (Harley & Noyer, 1999), ou seja, a Inserção Tardia de fonologia por uma operação denominada *Spell-out* Morfológico.

O Item de Vocabulário é definido como uma relação entre uma expressão fonológica e um traço gramatical ou semântico e, eventualmente, um contexto de inserção. Assume-se que esses itens encontram-se armazenados em uma lista, a **Lista 2**, que se localiza após o componente morfológico (na Figura 1, ela corresponde ao quadro *Vocabulary Insertion*). Retomemos o exemplo do clítico dativo *lhe*, visto acima. Por hipótese, teríamos dois Itens de Vocabulário que ligam a forma *lhe* e os traços gramaticais/semânticos:

- (6) a. *llhe/* ↔ [2, -pl, +dat]  
 b. *llhe/* ↔ [3, -pl, +dat]

Entretanto, uma terceira propriedade que está relacionada à Inserção Tardia, denominada de propriedade de Subespecificação dos Itens de Vocabulário (*Underspecification*), pode simplificar essa descrição. A Subespecificação é regida pelo princípio do subconjunto, segundo o qual os Itens de Vocabulário não precisam ser plenamente especificados para serem inseridos em uma determinada posição sintática. O que basta é que eles não possuam traços conflitantes com os do nó terminal. Por conflitantes entendemos traços que não existem no nó terminal.

No nosso exemplo, é possível afirmar que o Item de Vocabulário que insere os traços que vão ser realizados como *lhe* é subespecificado para o traço de pessoa, opondo-se, assim, ao item de 1ª pessoa, por exemplo, que é mais especificado:

(7)

MORFEMA ABSTRATO (NÓ TERMINAL SINTÁTICO)	ITENS DE VOCABULÁRIO
	<i>me</i> ↔ [1, -pl, +dat] (traço conflitante <sup>10</sup> )
[2, -pl, +dat]	<i>lhe</i> ↔ [-pl, +dat] (item subespecificado)
[3, -pl, +dat]	<i>nos</i> ↔ [1, +pl, +dat] (traços conflitantes)

O Item de Vocabulário *lhe* ↔ [-pl, +dat] pode ser inserido nos dois morfemas abstratos provenientes da sintaxe, pois sua especificação é um subconjunto dos traços desses nós terminais. Por ser subespecificado, ele pode se realizar em mais de uma posição sintática.

<sup>10</sup> A partir de agora, marcaremos os traços conflitantes com a cor cinza.



A interpretação como 2ª ou 3ª pessoa decorre dos traços sintáticos e não do material fonológico.

Como é possível notar, a inserção do Item de Vocabulário decorre de uma competição dos Itens de Vocabulário inicialmente elegíveis para aquele nó. Esses itens competem para inserção, contrariamente ao que ocorre em teorias lexicalistas, em que uma entrada lexical já é completamente especificada e determinada para inserção. Como ficará mais claro no decorrer do trabalho, esse princípio tem importância crucial na nossa análise.

### **1.3 AS OPERAÇÕES MORFOLÓGICAS**

Após a manipulação dos traços pela sintaxe, o componente morfológico permite alterações de ordem, número, composição de traços e posição hierárquica de nós terminais em alguns contextos. Algumas das operações morfológicas ou morfofonológicas responsáveis por esses rearranjos de traços são:  *fusão, fissão, empobrecimento, deslocamento local*, entre outras<sup>11</sup>. Abordaremos com detalhes as operações de  *fusão e empobrecimento* nas seções relativas à análise.

### **1.4 A ENCICLOPÉDIA**

Finalmente, e de menor importância para este trabalho, temos a **Lista 3** denominada de  *Enciclopédia* (que corresponde ao quadro  *Enciclopaedia* na Figura 1). Essa lista contém entradas enciclopédicas que relacionam Itens de Vocabulário a significados. É nesse local que são armazenados os significados especiais de expressões de uma língua. Dessa forma, o conteúdo da Enciclopédia é determinado por cada língua em particular.

## **2. A FLEXÃO VERBAL DO PORTUGUÊS SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

### **2.1 A ESTRUTURA DO VERBO**

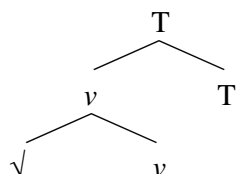
Na nossa análise para o verbo português, entendemos a flexão verbal como o resultado de operações sintáticas, isto é, o que comumente denominamos de flexão verbal é a combinação de núcleos sintáticos na derivação, obedecendo a restrições de localidade. A

---

<sup>11</sup> Para detalhamento de cada uma dessas operações, consultar Halle & Marantz (1993, 1994), Harley & Noyer (1999), Embick & Noyer (2006).

formação do verbo é resultado da combinação de uma raiz (simbolizada por  $\sqrt{\quad}$ ), um núcleo verbal categorizador ( $v$ ) e um núcleo T(empo)<sup>12</sup>. Essa é estrutura básica que é derivada pela sintaxe e segue para o componente morfológico.

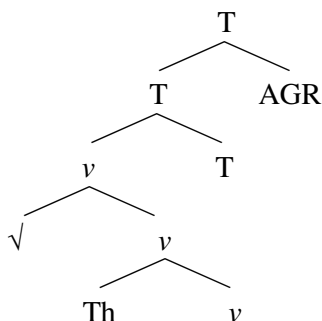
(8) Estrutura sintática básica do verbo português



Assumimos que, no componente morfológico, um núcleo de concordância (AGR) é inserido pós-sintaticamente. Núcleos de concordância são morfemas dissociados (cf. Embick & Noyer, 2006), isto é, um tipo de “morfologia ornamental”, inserida como resultado da operação *Agree* entre os traços de T e os do sujeito sintático.

Trataremos os traços de classe, que são definidos pela raiz e realizados pelas vogais temáticas, como parte do sistema flexional. O morfema que irá abrigar a vogal temática realizada fonologicamente, Th (do inglês “theme vowel”), também é inserido como um requerimento do componente morfológico (Oltra-Massuet, 1999, Oltra-Massuet & Arregi, 2005). Assim, a estrutura do verbo no componente morfológico é a seguinte:

(9) Estrutura morfológica do verbo português



São esses os núcleos sintáticos que irão abrigar os traços abstratos (gramaticais e semânticos) e receber os Itens de Vocabulário. A raiz receberá material fonológico compatível com o conceito que carrega (ou ela já traz consigo tal fonologia, em algumas abordagens). O

<sup>12</sup> Não iremos discutir o núcleo de Tempo, além de estar relacionado a traços de tempo, pode também estar relacionado a traços de modo. Deixamos esse ponto para investigação futura.

núcleo *v* contém traços semânticos do tipo [causa], [incoatividade], entre outros<sup>13</sup>, e pode receber sufixos verbalizadores fonologicamente realizados, como *-e-*, *-ec-*, *-ej-*, *-iz-*, entre outros (Bassani, 2009). O núcleo Th receberá uma das três vogais temáticas verbais do português, *-a*, *-e*, *-i*, de acordo com uma idiosincrasia da raiz. Tempo recebe traços temporais [presente], [passado], [futuro] e AGR, os traços- $\phi$  de número e pessoa.

Com base na estrutura em (9), apresentamos, nas próximas subseções, a nossa análise para três tempos verbais do indicativo do português: presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito. Contudo, antes de proceder à análise, precisamos definir quais são os Itens de Vocabulário que realizam os traços morfossintáticos do paradigma flexional do português.

(10) O paradigma flexional do verbo português: Itens de Vocabulário<sup>14</sup>

*/a/* ↔ [*c*<sub>1</sub>]

*/e/* ↔ [*c*<sub>2</sub>]

*/i/* ↔ [*c*<sub>3</sub>]

*/va/* ↔ [pret.imp] / [*c*<sub>1</sub>]<sup>15</sup>

*/ia/* ↔ [pret.imp] / [*c*<sub>2</sub>] ou [*c*<sub>3</sub>]

*/u/* ↔ [pret.perf, sg]

*/ran/* ↔ [pret.perf, pl]

*/o/* ↔ [pres, 1, sg]

*/i/* ↔ [1, sg]

*/mos/* ↔ [1, pl]

*/N/* ↔ [pl]

## 2.2 PRESENTE

O presente nos traz uma questão interessante quando olhamos para a análise clássica de Camara Jr. (1970). Nessa análise, ocorre uma proliferação de morfemas zero para explicar a ausência de material fonológico em algumas células do paradigma. Segundo essa análise,

<sup>13</sup> Ver Arad (1999) e Folli & Harley (2005) para outros tipos de traços que o núcleo *v* pode portar.

<sup>14</sup> As abreviaturas usadas são as seguintes: *c*<sub>1/2/3</sub> = classe 1, 2, 3; 1 = 1ª pessoa; sg = singular; pl = plural; pres = presente; pret.imp = pretérito imperfeito; pret.perf = pretérito perfeito.

<sup>15</sup> Representações do tipo */α/* ↔ [*β*] / [*γ*] devem ser lidas da seguinte forma: ‘*β* se realiza como *α* sempre que se verificar a presença do traço *γ*’. Exemplificando: o morfema de pretérito imperfeito do indicativo se realiza pelo expoente fonológico */va/* na presença do traço de classe [*c*<sub>1</sub>] e como */ia/* sempre que o traço presente for [*c*<sub>2</sub>] ou [*c*<sub>3</sub>].

para cada traço é preciso um correspondente fonológico, nem que este seja nulo, uma propriedade comum a abordagens do tipo Item e Arranjo:

		TEMA	MODO/TEMPO	NÚMERO/PESSOA
1	SG	canta-	∅	o
2		canta-	∅	-s
3		canta-	∅	∅
1	PL	canta-	∅	mos
2		canta-	∅	-is
3		canta-	∅	-N

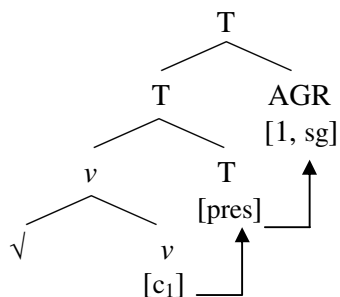
**Tabela 2:** Presente do indicativo segundo Camara Jr. (1970)

Como vemos, nessa análise, o morfema de modo-tempo (presente do indicativo) é expresso por uma marca zero, diferente da marca zero que sinaliza 3ª pessoa do singular, por exemplo. Desse modo, além de postular a existência de morfemas zero, é preciso assumir que existem múltiplos morfemas zero, com expressões morfossintáticas diferentes.

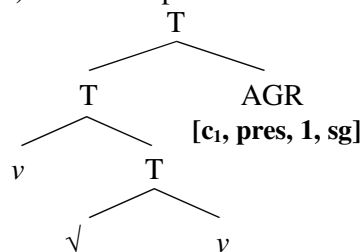
A fim de evitar tal primitivo, em um modelo como a Morfologia Distribuída, podemos sugerir que nesse tempo ocorrem operações no componente morfológico que alteram a forma inicial dos morfemas abstratos provenientes da sintaxe. Mais especificamente, uma operação de  *fusão*  agrupa traços ou nós terminais, via  *merge* , para que estes sejam realizados fonologicamente por um único Item de Vocabulário.

Nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular do tempo presente, nas três classes de conjugação, ocorre  *fusão*  dos traços dos núcleos  *v* ,  *T*  e  *AGR* , cujo resultado é a formação (pós-sintática) de um único nó terminal. Como há apenas um nó terminal, há a inserção de uma única peça fonológica para realizar todas as informações constantes desse nó. A seguir, apresentamos a representação de como se dá a formação da primeira pessoa do singular:

(11) Verbo antes da fusão



(12) Verbo após a fusão



Fusão é uma operação que só pode ocorrer entre núcleos em uma relação de localidade. Assim, não poderia ocorrer fusão, por exemplo, entre os traços de *v* e AGR somente, pois eles não estão adjacentes o suficiente para que essa operação seja permitida (Embick, 2010). A fusão de núcleos é entendida por Siddiqui (2009) como uma restrição de economia universal das línguas naturais denominada *Minimize exponence*, segundo a qual a derivação mais econômica será aquela que conseguir realizar o maior número de traços formais com o menor número de morfemas (fonologicamente realizados). Desse modo, a aglutinação de traços em um único nó terminal é uma forma de economia de realização, já que implica a inserção de menor número de morfemas fonologicamente abertos.

Após a fusão operada no componente morfológico, o verbo segue para a Inserção de Vocabulário. Nessa etapa, os Itens de Vocabulário elegíveis competem para inserção no nó terminal dotado dos traços [*c*<sub>1</sub>, pres, 1, sg]. Na competição, atua o Princípio do Subconjunto, por meio da propriedade de Subespecificação, que explicitamos com mais detalhes por meio da citação de Halle & Marantz (1994: 276):

Underspecification: In order for a Vocabulary Item to be inserted in a terminal node, the identifying features of the Vocabulary Item must be a subset of the features at the terminal node. Insertion may not take place if the item has identifying features that do not appear at the terminal node. The item need not match every feature specified in the node; rather Vocabulary Items are characteristically underspecified with respect to the features of the nodes into which they are inserted. It is not uncommon for several Vocabulary Items to be available for insertion into a given terminal node. The most highly specified Vocabulary Item whose identifying features are a subset of the features of the terminal node wins the competition and is inserted.

Os Itens de Vocabulário elegíveis para inserção em [*c*<sub>1</sub>, pres, 1, sg] estão descritos em (13):

(13) Competição para inserção no nó [*c*<sub>1</sub>, pres, 1, sg]

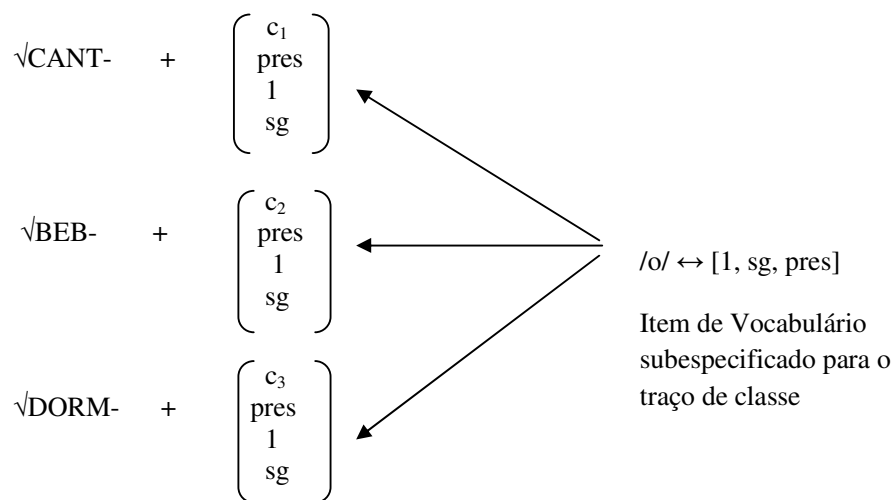
- a. /a/ ↔ [*c*<sub>1</sub>]
- b. /o/ ↔ [1, sg, pres]
- c. /i/ ↔ [1, sg]

Dos itens listados, (13b) é o vencedor, pois se trata do Item de Vocabulário com mais traços especificados e compatíveis com o nó terminal:

Um fato empírico decorre naturalmente da análise adotada: a subespecificação do traço de classe para a primeira pessoa do singular do presente do indicativo: *eu canto*, *eu*

*bebo, eu durmo*. Como o traço de classe é fusionado ao nó terminal complexo final, o Item de Vocabulário que realiza somente esse traço não é inserido, o que resulta na neutralização da marcação de classe. Abaixo ilustramos como, independentemente de a raiz determinar [c<sub>1</sub>], [c<sub>2</sub>] ou [c<sub>3</sub>], o mesmo Item de Vocabulário é inserido quando há especificação de primeira pessoa do singular:

(14) Competição para inserção no nó [c<sub>1/2/3</sub>, pres, 1, sg]<sup>16</sup>



*Eu canto, bebo, durmo*

Para as 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do singular, a situação é diferente. O nó terminal resultante da sintaxe contém as especificações [c<sub>1/2/3</sub>, pres, 2/3, sg] e os Itens de Vocabulário que competiram para inserção na 1<sup>a</sup> pessoa não podem mais competir para inserção nesse nó, pois contêm um traço conflitante, a saber, o traço de pessoa [1]:

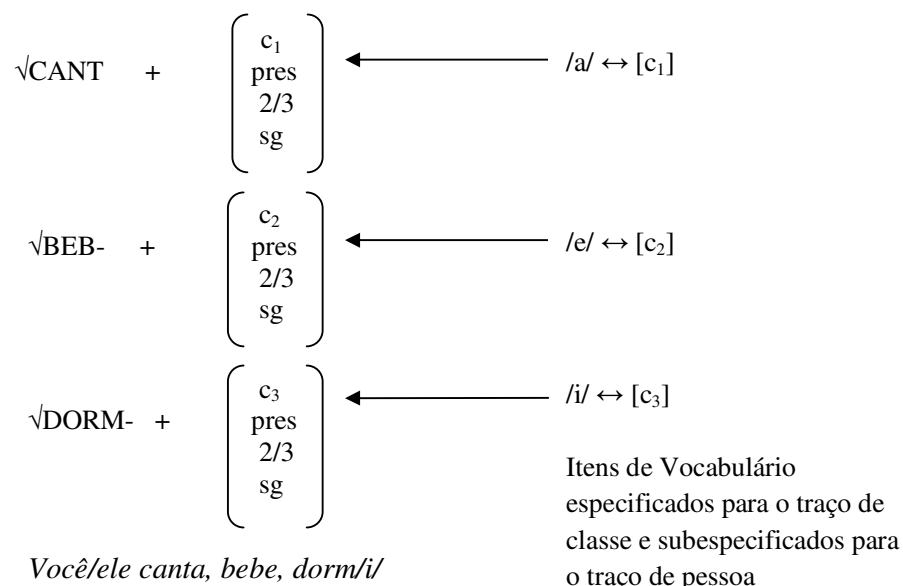
(15) Competição para inserção no nó [c<sub>1/2/3</sub>, pres, 2/3, sg]

- a. /a/ ↔ [c<sub>1</sub>]
- b. /e/ ↔ [c<sub>2</sub>]
- c. /i/ ↔ [c<sub>3</sub>]
- d. /o/ ↔ [1, sg, pres]
- e. /i/ ↔ [1, sg]

<sup>16</sup> A barra entre os traços significa “ou”.

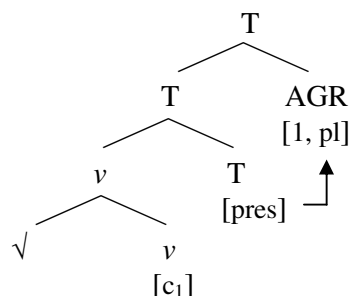
Assim, o único Item de Vocabulário compatível com o nó terminal em questão será aquele que especifica o traço de classe, o que se segue naturalmente nas formas *canta*, *bebe*, *dorme* (que se realiza como [i], apesar de ser grafado com *e* na classe 3).

(16) Competição para inserção no nó [c<sub>1/2/3</sub>, pres, 2/3, sg]

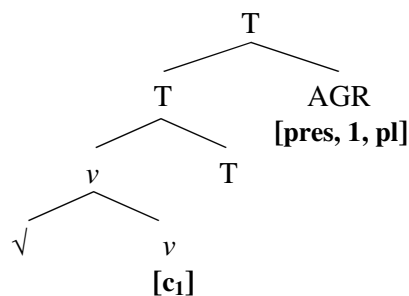


Já nas pessoas do plural desse mesmo paradigma, ocorre fusão apenas entre dois núcleos sintáticos, pois se realizam duas peças fonológicas: uma com os traços de classe e outra, que agrupa os traços de tempo e concordância. Vejamos a seguir a derivação da primeira pessoa do plural do presente do indicativo:

(17) Verbo antes da fusão



(18) Verbo após a fusão



Formam-se, então, dois nós terminais para receberem material fonológico. O primeiro nó [c<sub>1/2/3</sub>] receberá os Itens de Vocabulário /a/ ↔ [c<sub>1</sub>], /e/ ↔ [c<sub>2</sub>] ou /i/ ↔ [c<sub>3</sub>]. O segundo nó

estará sujeito à competição. Competem para inserção no nó [pres, 1, pl] os Itens de Vocabulário apresentados em (19), sendo /mos/ o escolhido por ser mais especificado:

(19) Competição para inserção no nó [pres, 1, pl]

a. /mos/ ↔ [1, pl]

b. /N/ ↔ [pl]

$$\begin{array}{l} \sqrt{\text{CANT-}} + [c_1], \leftarrow /a/ \leftrightarrow [c_1] \\ \sqrt{\text{BEB-}} + [c_2], \leftarrow /e/ \leftrightarrow [c_2] \\ \sqrt{\text{DORM-}} + [c_3], \leftarrow /i/ \leftrightarrow [c_3] \end{array} + \left( \begin{array}{c} \text{pres} \\ 1 \\ \text{pl} \end{array} \right) \leftarrow /mos/ \leftrightarrow [1, \text{pl}]$$

*Nós cantamos, bebemos, dormimos*

Nas 2ª e 3ª pessoas, o Item de Vocabulário /mos/ ↔ [1, pl] não pode competir por conter um traço conflitante [1] e o Item de Vocabulário /N/ ↔ [pl] é inserido. Esse Item de Vocabulário é subespecificado para pessoa e, portanto, é inserido no nó terminal com os traços [2] ou [3]. Um fato interessante ocorre na forma da classe 3, destacada abaixo (e que será discutido na próxima subseção):

(20) Competição para inserção no nó [pres, 2/3, pl]

$$\begin{array}{l} \sqrt{\text{CANT-}} + [c_1] \leftarrow /a/ \leftrightarrow [c_1] \\ \sqrt{\text{BEB-}} + [c_2] \leftarrow /e/ \leftrightarrow [c_2] \\ \sqrt{\text{DORM-}} + [c_3] \leftarrow /e/ \leftrightarrow [c_2] \end{array} + \left( \begin{array}{c} \text{pres} \\ 2/3 \\ \text{pl} \end{array} \right) \leftarrow /N/ \leftrightarrow [\text{pl}]$$

*Vocês/Eles cantam, bebem, dormem*

Apresentada a análise, podemos tecer alguns comentários a respeito dos aspectos positivos e dos problemas encontrados. Primeiramente, nossa análise consegue evitar a proliferação de morfemas zero e, ao mesmo tempo, captar a ideia de que o presente é o tempo menos marcado, em oposição ao passado e ao futuro. Segundo nossa análise em termos de traços abstratos, isso se segue naturalmente se observamos que o traço [presente] é sempre subespecificado nos Itens de Vocabulário que preenchem os nós terminais. A interpretação desse traço não decorre de sua realização fonológica, mas de sua ocorrência na sintaxe.

Além disso, parece que, no presente, o traço relevante para realização fonológica é o traço de número. O singular ativa fusão e o plural se realiza sempre por uma peça fonológica



(/mos/ ou /N/). Esse fato pode ser usado como questionamento da ideia tradicional de amálgama entre os traços de pessoa e número, em que nenhum dos dois atuaria separadamente.

Na realização do traço de classe nas 2ª e 3ª pessoas do plural, na presença do traço de classe 3 surge um problema inesperado. O traço de classe da raiz  $\sqrt{\text{DORM-}}$  se realiza como o Item de Vocabulário de [c<sub>2</sub>] e não como o de [c<sub>3</sub>], conforme se esperava: (*vocês/eles*) *dormem*. Uma possível solução seria tratar a classe 3 como subclasse da classe 2, como analisou Pontes (1972). No entanto, dessa assunção surge um novo questionamento: se as classes 2 e 3 são a mesma classe, o que determina a realização de um Item de Vocabulário próprio para a classe 3 em formas como [1, pl] (*nós*) *dormimos*? Tal fato aponta para uma independência da classe 3 e uma solução mais elaborada precisa ser encontrada. Não iremos nos deter nesse fato, que continua a espera de uma investigação.

### 2.3 PRETÉRITO IMPERFEITO

No pretérito imperfeito, verifica-se uma alomorfia condicionada pela classe da raiz. Ocorrem mecanismos e formas diferentes de morfemas a depender da classe a que a raiz pertence (se à classe 1 ou às classes 2 e 3). A morfologia clássica apresenta a seguinte organização do paradigma do pretérito imperfeito do português, no qual já podemos notar a alomorfia do morfema de modo/tempo:

Classe 1		TEMA	MODO/TEMPO	NÚMERO/PESSOA
1	SG	canta-	-va-	∅
2		canta-	-va-	-s
3		canta-	-va-	∅
1	PL	canta-	-va-	-mos
2		canta-	-ve-	-is
3		canta-	-va-	-m

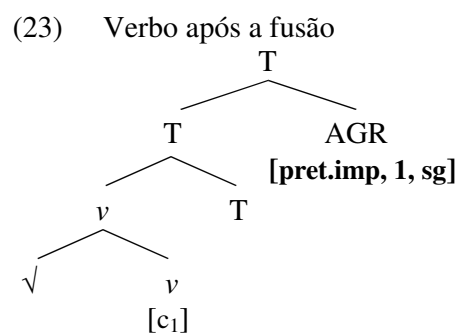
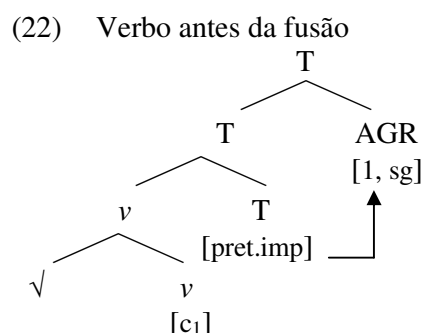
Classes 2/ 3		TEMA	MODO/TEMPO	NÚMERO/PESSOA
1	SG	bebe-/dormi-	-ia-	∅
2		bebe-/dormi-	-ia-	-s
3		bebe-/dormi-	-ia-	∅
1	PL	bebe-/dormi-	-ia-	-mos
2		bebe-/dormi-	-ie-	-is
3		bebe-/dormi-	-ia-	-m

**Tabela 3.** Pretérito imperfeito segundo Camara Jr. (1970)

Conseguimos capturar essa alomorfia ao postular a existência de dois Itens de Vocabulário com especificação de contexto:

- (21) a. /va/ ↔ [pret.imp] / [c<sub>1</sub>]  
 b. /ia/ ↔ [pret.imp] / [c<sub>2/3</sub>]

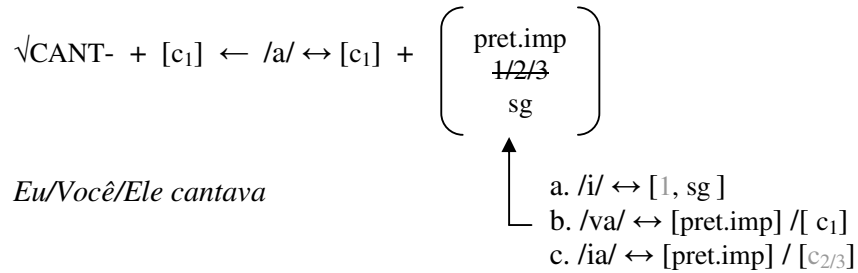
No contexto de classe 1, dois morfemas são inseridos a fim de realizar os traços morfossintáticos. Por isso, assumimos que ocorre fusão entre dois nós, nesse caso, T e AGR, conforme representação a seguir:



Para a primeira pessoa, o nó terminal [pret.imp, 1, sg] tem como candidato o Item de Vocabulário /i/ ↔ [1,sg]. Essa combinação geraria a forma inesperada *cantavai*. Entretanto, notamos que uma mesma forma é inserida para as 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do plural nesse tempo: *cantava*. Esse fato nos permite identificar os efeitos de uma outra operação sobre os traços do nó terminal: *empobrecimento*. Essa operação apaga traços morfossintáticos nos nós terminais antes da inserção dos Itens de Vocabulário, a fim de que itens menos especificados possam ganhar a competição e ser inseridos e/ou a fim de que determinados Itens de Vocabulário sejam descartados da competição.

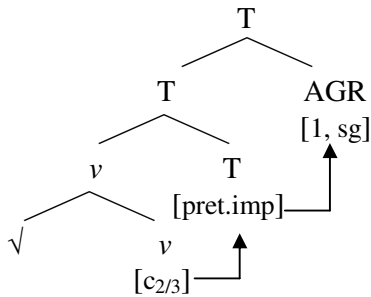
Nesse caso específico, o empobrecimento atua sobre o traço de pessoa, impedindo a inserção de /i/ ↔ [1, sg] e forçando a inserção de um Item de Vocabulário menos especificado, nesse caso, /va/ ↔ [pret.imp] / [c<sub>1</sub>]. Em (24), ilustramos esse fato. Notemos que os traços de pessoa foram empobrecidos e, por isso, aparecem como ~~1,2,3~~ e a cor cinza nos traços dos Itens do Vocabulário serve para sinalizar que esses traços são incompatíveis com os do nó terminal:

(24) Empobrecimento

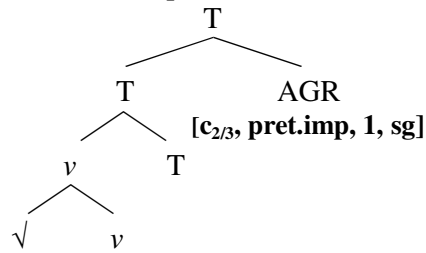


No contexto das classes 2 e 3, temos que assumir que também há  *fusão* do traço de classe (v) com os traços dos núcleos T e AGR, uma vez que só há a realização de uma peça fonológica:

(25) Verbo antes da fusão

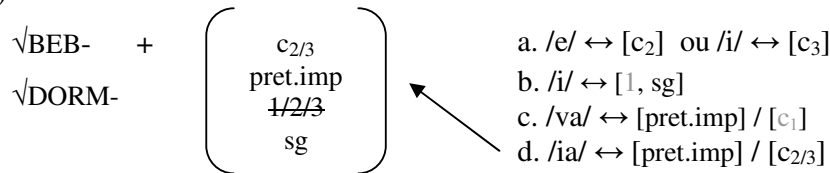


(26) Verbo após a fusão



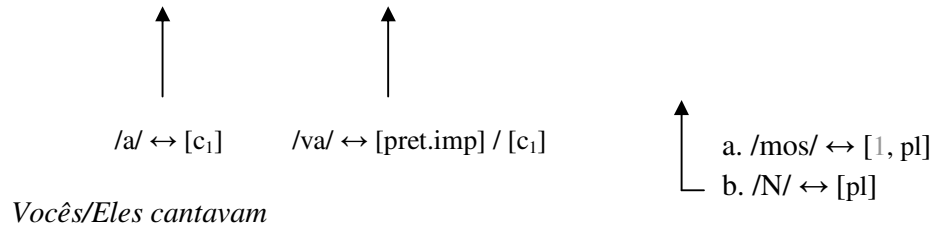
Novamente, a operação de empobrecimento ocorre, resultando em neutralização das marcas das pessoas do singular. Além disso, uma questão se coloca: dois Itens de Vocabulário têm a mesma quantidade de traços especificados na competição para inserção: o item que contém a especificação do traço de classe (27a) e o que contém o traço de tempo (27d):

(27)



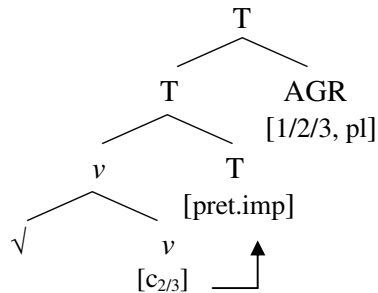
Este fato já foi confrontado em outras análises na teoria. Halle & Marantz (1993) sugerem que tais “empates” podem ser resolvidos por um ordenamento extrínseco: um Item de Vocabulário é simplesmente estipulado como o vencedor, por meio de um mecanismo que chamaram de ‘Força bruta’. Observando que tal solução pode ser considerada como um



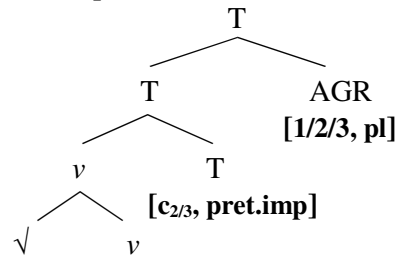


As formas do plural, na presença dos traços das classes 2 e 3, se comportam de modo diferente. Temos que assumir que há  *fusão*  do traço de classe com os traços do núcleo T, pois duas peças fonológicas são inseridas.

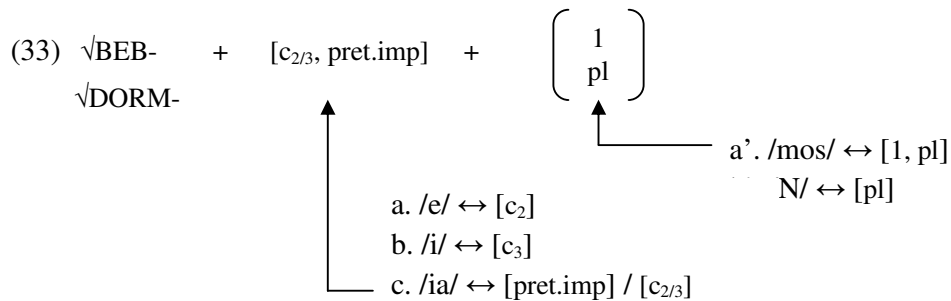
(31) Verbo antes de fusão



(32) Verbo após fusão

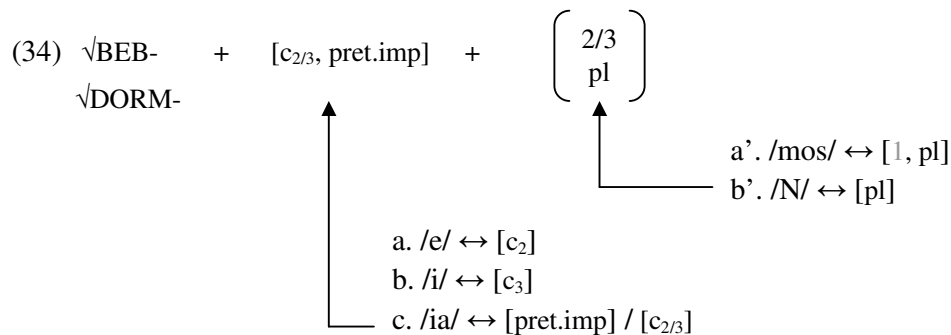


Na primeira pessoa do plural, dois Itens de Vocabulário competem para inserção no nó fusionado pelos traços de classe e de T. Como ambos são igualmente especificados, pela hierarquia de traços, segundo a qual o [tempo] é superior a [classe], (33c) é inserido em um primeiro passo de *spell-out*. Em um segundo passo, ocorre a inserção do Item de Vocabulário referente aos traços do nó AGR, em que (33a') é escolhido por ser mais especificado.



*Nós bebíamos, dormíamos*

A diferença na formação das 2ª e 3ª pessoas do plural reside no fato de o Item de Vocabulário /mos/ ↔ [1, PL] conter um traço conflitante (pessoa) e, por isso, não poder competir para inserção. Logo, o Item de Vocabulário subespecificado /N/ ↔ [pl] é inserido:



*Vocês/Eles bebiam, dormiam*

No pretérito imperfeito, assim como no presente, fenômenos interessantes se colocam frente à análise dos dados. Primeiramente, o traço de classe exerce influência na realização do morfema de tempo, determinando um tipo de alomorfa gramaticalmente condicionada. A alomorfa contextual é especificada no próprio Item de Vocabulário: /va/ ↔ [pret. imp] / [c<sub>1</sub>] e /ia/ ↔ [pret. imp] / [c<sub>2/3</sub>]<sup>17</sup>.

Nesse aspecto, as classes 2 e 3 se comportam exatamente da mesma forma, o que sugere que pertencem a uma mesma macroclasse, em oposição à classe 1.

Segundo Embick (2007), competição em Morfologia Distribuída só pode ocorrer no momento da inserção do Item de Vocabulário. Nesse contexto, nota-se que, nas formas do pretérito imperfeito (nas classes 2 e 3), o traço de tempo tem prioridade de inserção sobre o traço de classe. Assim, surge uma primeira hierarquia atuante no português: [tempo] > [classe], ou seja, em contextos de competição entre os traços de tempo e classe, o traço de tempo tem prioridade de inserção.

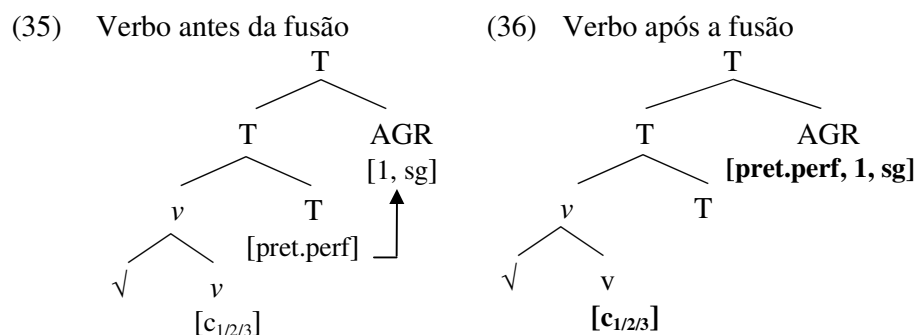
Finalmente, verifica-se nesse tempo a atuação de mais uma operação morfológica: o *empobrecimento* do traço de pessoa no contexto de singular.

## 2.4 PRETÉRITO PERFEITO

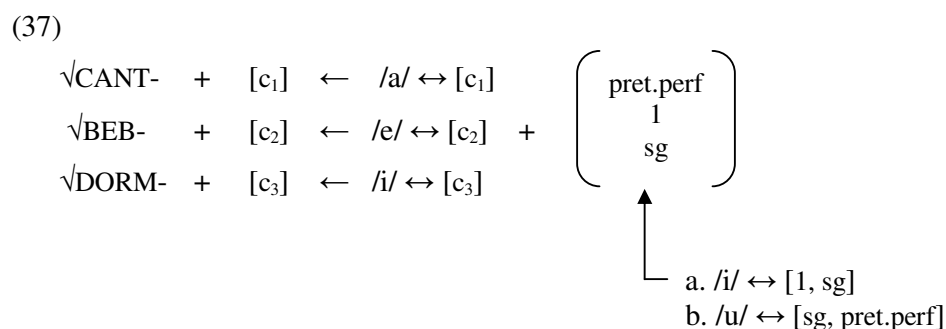
No pretérito perfeito, ocorre  *fusão* dos núcleos T e AGR em todas as pessoas do paradigma, tanto no singular quanto no plural. O Item de Vocabulário correspondente ao traço de classe é sempre inserido. No entanto, merecem destaque as operações fonológicas que se aplicam no componente Forma Fonética e que causam alterações na forma dos Itens de

<sup>17</sup> Vejamos que aqui não se trata de um tipo de hierarquia de traços, mas de influência de um traço na realização de outro. A hierarquia atua somente em contextos de competição.

Vocabulário correspondentes aos traços de classe. Vejamos a derivação da primeira pessoa do singular:



Temos dois nós para inserção de vocabulário: o nó responsável pelo traço de classe  $[c_{1/2/3}]$  e o nó resultante da fusão dos traços de tempo com os traços de concordância  $[pret.perf, 1, sg]$ . Os Itens de Vocabulário relativos ao traço de classe são normalmente inseridos e há uma competição para inserção do Item de Vocabulário para o núcleo fusionado:



Novamente, temos empate no grau de especificação de dois Itens de Vocabulário. Como  $/i/ \leftrightarrow [1, sg]$  ganha a competição, um novo aspecto da hierarquia se revela: o traço de pessoa  $[1]$  tem prioridade de inserção sobre o traço de tempo  $[pret. perf]$ . Como ambos possuem especificação de número  $[sg]$ , isso mostra que esse traço não tem efeito na escolha do item que vai realizar os traços do nó fusionado  $[T-AGR]$ . Esse fato está de acordo com Galves (2001), que aponta que, no português brasileiro, a 1ª pessoa é mais marcada em oposição às demais.

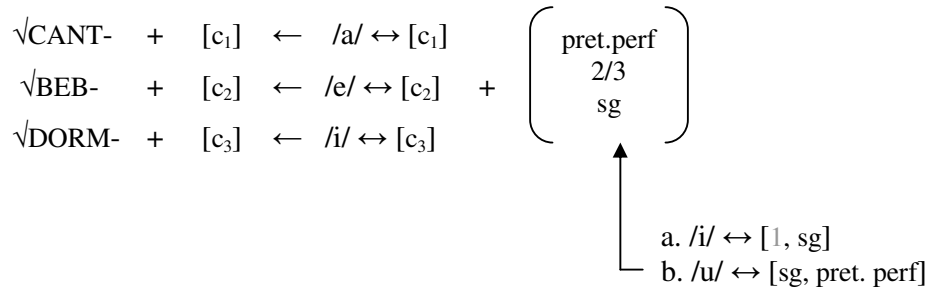
Após inserção de vocabulário, a derivação ainda não está resolvida, pois temos as seguintes formas fonológicas, que não correspondem à realização de superfície:

(38) a.  $\sqrt{CANT-} + [c_1, pret.perf, 1, sg] = /cantai/$

- b.  $\sqrt{\text{BEB-}} + [\text{c}_2, \text{pret.perf}, 1, \text{sg}] = /bebei/$   
 c.  $\sqrt{\text{DORM-}} + [\text{c}_3, \text{pret.perf}, 1, \text{sg}] = /dormii/$

O mesmo acontece com a derivação das 2ª e 3ª pessoas do singular, em que o Item de Vocabulário /u/ ↔ [pret.perf, sg], subespecificado para o traço de pessoa, é inserido no nó terminal fusionado. Os resultados serão corretos para as classes 2 e 3, mas não correspondem à forma de superfície para a classe 1:

(39)



Formas fonológicas resultantes da inserção de vocabulário:

- (40) a.  $\sqrt{\text{CANT-}} + [\text{c}_1, \text{pret.perf}, 2/3, \text{sg}] = /cantau/$   
 b.  $\sqrt{\text{BEB-}} + [\text{c}_2, \text{pret.perf}, 2/3, \text{sg}] = /bebeu/$   
 c.  $\sqrt{\text{DORM-}} + [\text{c}_3, \text{pret.perf}, 2/3, \text{sg}] = /dormiu/$

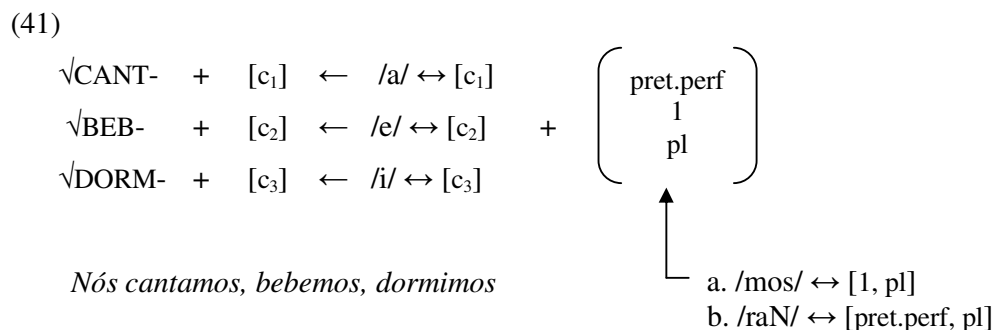
Segundo a análise de Camara Jr. (1970), existiria uma alomorfia nos morfemas de classe em formas como *cantei/cantou*, *bebi/bebeu*, *dormi/dormiu* (a/e/o na classe 1 e e/i nas classes 2 e 3), condicionada pelo pretérito perfeito do indicativo e pela 1ª e 3ª pessoas do singular. No entanto, uma análise mais atenta sugere que existem regras fonológicas atuantes no componente Forma Fonética logo após a inserção do material fonológico. Essas regras vão operar sobre os segmentos em (38) e (40) e resultarão nas formas de superfície. Com isso, concluímos que essa alomorfia não é condicionada gramaticalmente, mas é fonologicamente condicionada, como já mostraram Mateus & D'Andrade (2001):



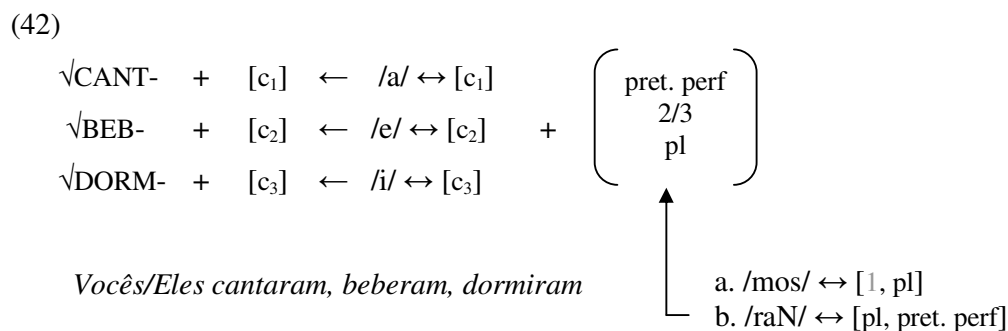
Classe 1	/cant-a-i/ → /cantei/	alçamento de /a/ para /e/, condicionado pela presença de /i/
	/cant-a-u/ → /cantou/	alçamento de /a/ para /o/, condicionado pela presença de /u/
Classe 2/3	/beb-e-i/ → /bebi/	alçamento de /e/ para /i/ seguido de crase com o morfema /i/
	/beb-e-u/ → bebeu	-
	/dorm-i-i/ → /dormi/	crase
	/dorm-i-u/ → dormiu	-

**Tabela 2:** Regras fonológicas atuantes na formação do pretérito perfeito do indicativo

Nas pessoas do plural, a estrutura sintática é a mesma: fusão entre T e AGR. A competição, no entanto, se dá de forma diferente. Para a primeira pessoa do plural, notamos que a hierarquia [pessoa] > [tempo] se aplica novamente:



Nas 2ª e 3ª pessoas, somente um Item de Vocabulário é elegível, pois o item /mos/ ↔ [1, pl] contém o traço [1] como traço conflitante:



Em termos sintáticos e morfológicos, esse tempo não traz grandes novidades em relação aos tempos analisados anteriormente. Ocorre a operação de fusão e mais uma posição da hierarquia de traços se revela: a preferência de inserção do traço de pessoa sobre o traço de tempo. Contudo, a característica mais importante revelada por esse tempo é a atuação das

regras fonológicas do componente Forma Fonética, a saber, assimilação e crase, na derivação das formas superficiais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho revisitou o paradigma flexional do verbo português à luz da Morfologia Distribuída. Descrevemos três tempos do indicativo, o presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, e mostramos como esses tempos exemplificam a atuação de operações morfológicas, a noção de hierarquia de traços e a atuação de regras do componente fonológico. Verificamos que uma análise que considere a formação de palavras com base em traços abstratos e de estrutura sintática por toda a derivação pode prescindir de construtos como o morfema zero.

Finalmente, conseguimos responder às questões de pesquisa iniciais que motivaram o artigo:

- i. Que traços morfossintáticos compõem os nós terminais formadores da flexão verbal e como eles são organizados?

São quatro os traços morfossintáticos que compõem os nós terminais formadores da flexão verbal portuguesa: [classe], [tempo], [pessoa] e [número]. Esses traços são organizados em torno de três núcleos funcionais (*v*, T e AGR) e podem sofrer alterações em sua combinação por meio de operações do componente morfológico.

- ii. Esses traços sofrem os efeitos de alguma operação morfológica no indicativo do português? Se sim, qual (quais)?

As operações que afetam esses traços são basicamente  *fusão e empobrecimento*. A fusão atua de forma local, podendo combinar os núcleos [*v* + T + AGR]; [*v* + T] e [T + AGR], mas nunca [*v* + AGR], por uma restrição de localidade. O empobrecimento, por sua vez, atua nas formas do pretérito imperfeito, afetando o traço [pessoa].

- iii. Quais são os Itens de Vocabulário que constituem o paradigma do indicativo do português nas três classes de conjugação e nos tempos verbais aqui estudados?

Os itens de vocabulário são os seguintes:

/a/ ↔ [c<sub>1</sub>]  
/e/ ↔ [c<sub>2</sub>]  
/i/ ↔ [c<sub>3</sub>]  
/va/ ↔ [pret.imp] / [c<sub>1</sub>]  
/ia/ ↔ [pret.imp] / [c<sub>2</sub>] ou [c<sub>3</sub>]  
/u/ ↔ [pret.perf, sg]  
/raN/ ↔ [pret.perf, pl]  
/o/ ↔ [pres, 1, sg]  
/i/ ↔ [1, sg]  
/mos/ ↔ [1, pl]  
/N/ ↔ [pl]

#### REFERÊNCIAS

1. ALCÂNTARA, Cíntia. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje* 45(1): 5-15, 2010.
2. ALCÂNTARA, Cíntia. *As Classes Formais do Português e sua Constituição: um estudo à luz da teoria da Morfologia Distribuída*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.
3. ARAD, Maya. On little *v*. In: ARREGI, Karlos; BRUENING, Benjamin; KRAUSE, Cornelia; LIN, Vivien. *MIT Working Papers in Linguistics 33: Papers on Morphology and Syntax, Cycle One*. Cambridge, MA: MITWPL, pp. 1-25, 1999.
4. ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
5. BASSANI, Indaiá. *Formação e Interpretação dos Verbos Denominais do Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
6. BEARD, Robert. *Lexeme-Morpheme Based Morphology: a general theory of inflection and word-formation*. Albany: State University of New York Press, 1995.
7. CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

8. EMBICK, David. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010.
9. EMBICK, David. Blocking effects and analytic/synthetic alternations. *Natural Language and Linguistic Theory* 25(1): 1-37, 2007.
10. EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles. *Oxford Handbook of Linguistics Interfaces*. New York: Oxford University Press, pp. 298-324, 2006.
11. FOLLI, Raffaella; HARLEY, Heidi. Flavors of *v*. In: KEMPCHINSKY, Paula; SLABAKOVA, Roumyana. *Aspectual Inquiries*. Dordrecht: Springer, pp. 95-120, 2005.
12. GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
13. HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *The View from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 111-176, 1993.
14. HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key-features of Distributed Morphology. In: CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi. *MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge, MA: MITWPL, pp. 275-288, 1994.
15. HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. State-of-the-article: Distributed Morphology. *Glott International* 4 (4): 3-9, 1999.
16. KIPARSKY, Paul. Lexical morphology and phonology. In: YANG, I-S. *Linguistic in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co, pp. 3-91, 1982.
17. MARANTZ, Alec. *Words and Things*. Cambridge, MA: MIT, 2001 (manuscrito).
18. MATEUS, Maria Helena Mira; D'ANDRADE, Ernesto. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
19. MATTHEWS, Peter. *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. 2<sup>a</sup> edição. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
20. MEDEIROS, Alessandro Boechat. *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: um estudo das formas participiais*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
21. MEDEIROS, Alessandro Boechat. *Sintaxe e Semântica do Particípio Passado*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
22. OLTRA-MASSUET, Maria Isabel. *On the Notion of Theme Vowel: a new approach to Catalan verbal morphology*. Dissertação de Mestrado. Cambridge, MA: MIT, 1999.

23. OLTRA-MASSUET, Maria Isabel; ARREGI, Karlos. Stress-by-Structure in Spanish. *Linguistic Inquiry* 36(1): 43–84, 2005.
24. PEREIRA, Ana Luisa Dias. *Os Pronomes Clíticos do PB Contemporâneo na Perspectiva Teórica da Morfologia Distribuída*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
25. PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
26. SCHER, Ana Paula. Nominalizações em *-ada* em construções com o verbo leve *dar* em português brasileiro. *Letras de Hoje* 41 (1): 29-48, 2006.
27. SCHER, Ana Paula. *As Construções com Verbo Leve dar e Nominalizações em -ada no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
28. SIDDIQUI, Daniel. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

**ABSTRACT:** This paper reviews classic analyses (Camara Jr, 1970; Pontes, 1972) of some forms of the Portuguese verbal inflection in the framework of the theory of Distributed Morphology (Halle & Marantz, 1993; Embick & Noyer, 2006). We will focus on the indicative mood and will propose an analysis to three verbal tenses: present, imperfective past, and perfective past. According to our proposal, what is commonly known as verbal inflection is the combination of syntactic heads in the course of the derivation, obeying locality restrictions. The investigation showed that the morphosyntactic features that compose the terminal nodes associated to the verbal inflection are [class], [tense], [person], [number]. These features distribute over functional heads *v*, T, AGR and they are subject to the operations of the morphological component. The operations that target these features are fusion and impoverishment. Fusion is a highly local operation and can combine the heads [*v* + T + AGR]; [*v* + T] e [T + AGR], but never [*v* + AGR]. Impoverishment affects the [person] feature present in the forms of the imperfective past.

**KEYWORDS:** Distributed Morphology; Verbal Inflection; Fusion; Impoverishment.